

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



O CORPO

VOLUME 33, 2012

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RECENSÕES CRÍTICAS

Correspondência de Trindade Coelho para António Corrêa d'Oliveira, Organização e notas de J. M. da Cruz Pontes, Coimbra, Minerva Coimbra, 2011, 235 p.

Esta obra reúne e reproduz em *fac simile* 46 cartas inéditas escritas por Trindade Coelho a António Corrêa d'Oliveira, entre fevereiro de 1897 e fevereiro de 1901. José Maria da Cruz Pontes, professor catedrático jubilado da Universidade de Coimbra, na sequência de trabalhos anteriores, como "Seis estudos sobre o poeta António Corrêa d'Oliveira", apresenta agora este conjunto epistolar acompanhado de notas e comentários de contextualização.

A edição está organizada em dois blocos. Na primeira parte, intitulada "Caminhos das Letras", cruzam-se os dados biográficos e o percurso literário das duas personagens: o magistrado e político José Francisco Trindade Coelho (1861-1908), que como escritor se notabilizou pelos contos rústicos *Os Meus Amores* (1891) e pela obra de memórias *In Illo Tempore* (1902), em que relata tradições académicas coimbrãs; e o então jovem poeta António Corrêa d'Oliveira (1878-1960), também conhecido como "o poeta de Belinho" (nome de uma quinta de sua esposa, perto de Esposende). Este último viria, aliás, a ser o primeiro português nomeado para o Prémio Nobel da Literatura, em 1933.

Os caminhos de ambos cruzam-se por via da atividade jornalística desenvolvida por Trindade Coelho no jornal *O Repórter*, onde, a 24 de janeiro de 1897, na sua coluna intitulada "Echos", dá notícia da publicação da primeira obra de António Corrêa d'Oliveira: *Ladainha*. O entusiasmo por ele então manifestado viria a traduzir-se em grande incentivo e empenho no desenvolvimento da carreira literária do jovem poeta. Será Trindade Coelho a conseguir-lhe um editor para o segundo livro (*Liradas*, publicado

em 1899), tal como mostra a carta de 4 de novembro de 1897: "Arranjei-lhe um editor, o meu editor, o melhor editor d'este paiz: - o Antonio María Pereira!". Note-se ainda como a sua opinião foi decisiva para estabelecer o nome literário adotado por Antonio Corrêa d'Oliveira, que inicialmente assinava os seus poemas simplesmente como Antonio Correia; o amigo e conselheiro Trindade Coelho discute longamente a escolha do nome literário do poeta e conta a sua história pessoal: ele próprio tinha alterado o seu nome de batismo, acrescentando o 'Trindade' (carta de 11 de novembro de 1897)...

A leitura destas cartas revela também que Trindade Coelho era muitas vezes o primeiro leitor dos manuscritos dos versos de Corrêa d'Oliveira e que lhe dava conselhos acerca da sua publicação: "Não tenha medo, mas, também, não seja precipitado" (carta de 23 de agosto de 1897). Fica também claro o apreço que tinha pela sua obra, por exemplo na carta de 5 de outubro de 1897, em que explica que ainda não leu o seu novo livro por falta de lugar e de ocasião adequados, dizendo que um livro mau se lê em toda a parte e de um jato, o que não se passa com um livro bom: este queria lê-lo "como quem comunga". Nesta mesma carta, em *post scriptum*, pede-lhe que não o trate por "Mestre", antes "chame-me seu amigo, que o sou deveras". Assim, vemos como vai crescendo a intimidade e a amizade entre ambos, e é irresistível estabelecer um paralelismo com o apoio que o próprio Trindade Coelho recebera de Camilo Castelo Branco.

Na segunda secção da obra em apreço, intitulada "Caminhos da Vida", para melhor compreendermos a vida e a obra do poeta Corrêa d'Oliveira aborda-se a história familiar, reconstituída a partir da transcrição de largos passos do inédito "Livro de lembranças", escrito pelo irmão João e narrando memórias das suas infância e juventude, marcadas pelas desventuras familiares. Tal narrativa é completada por elementos colhidos por J. M. da Cruz Pontes durante a convivência familiar que manteve com o poeta de Belinho nos últimos vinte anos da vida deste.

Também nos "caminhos da vida" Trindade Coelho foi um companheiro para António Corrêa d'Oliveira, empenhando-se em arranjar-lhe trabalho em Lisboa. Isso aconteceu, primeiro, no jornal de sociedade *Diário Ilustrado*, e, a partir de 1902, na Procuradoria-Geral da Coroa e da Fazenda (onde se manteve até à proclamação da República). O casamento do poeta, em 1912, marcava profundamente a sua vida, não só por ir viver para a Quinta de Belinho, mas ainda pela influência decisiva que a esposa teve no seu percurso religioso.

As cartas agora dadas à estampa revelam uma relação de profunda amizade e também aspetos íntimos destas duas personagens relevantes do panorama literário português dos finais do século XIX e primeira metade do século XX, desde logo ao reproduzirem abundantemente a caligrafia

do escritor (essa marca tão exclusiva e tão reveladora do carácter de um indivíduo!). Da leitura destas cartas, ressaltam as crises de neurastenia de que ambos padeciam, facto que partilham, procurando animar-se mutuamente, como se vê pelas próprias palavras de Trindade Coelho: "Você ainda está peor que eu, e eu estou tão mal [...]. Não sei o que hei de dizer-lhe, porque eu mesmo não sei o que hei de dizer-me" (carta de 3 de agosto de 1899).

Saudamos vivamente o aparecimento deste trabalho e felicitamos o distinto autor e a editora Minerva Coimbra por uma publicação que em nada desmerece os pergaminhos de ambos.

João Gouveia Monteiro

Luís Oliveira Andrade e Luís Reis Torgal, *Feridos em Portugal Tempos de memória e de sociabilidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2012.

À primeira vista, poder-se-ia pensar que o livro de Luís Oliveira Andrade e Luís Reis Torgal que agora se apresenta foi directamente motivado pela presente conjuntura em que o governo aboliu quatro feriados - dois cívicos e dois religiosos - abrindo uma controvérsia pública que está longe de estar encerrada. Na verdade, o interesse pelo tema por parte dos seus autores e a ideia do livro é bem anterior. Como aliás bem anterior é o carácter tantas vezes discutível da valorização de certas datas em detrimento de outras.

Como lembra Luís Reis Torgal no prefácio, a ideia de uma publicação sobre *Feridos em Portugal* remonta a 2002, quando ambos os autores participaram num colóquio na Universidade da Califórnia, em que um deles - Luís Oliveira Andrade, que infelizmente já não está entre nós - fez uma conferência sobre o tema. Situamo-nos pois na problemática das memórias nacionais e, em especial, dos usos públicos do passado que nos últimos decénios tem despertado a atenção dos historiadores. Problemática para a qual ambos os autores já tinham contribuído muito antes com livros como *História e Ideologia* (1989), Luís Reis Torgal, *História da História em Portugal séculos XIX e XX* (1996) (de que LRT foi co-autor), e *História e memória: a Restauração de 1640: do Liberalismo às comemorações centenárias de 1940* (2001), de Luís Andrade.

*Feriatu*s, adjectivo latino, depois passado a substantivo, remete para a suspensão do trabalho, para descanso ou festa. Em português regista-